

Esforço final pelo voto

A democrata Kamala Harris ganha o reforço da ex-primeira-dama Michelle Obama, durante visita a Michigan. No mesmo estado-pêndulo, o magnata e ex-presidente republicano Donald Trump ironiza endosso da cantora Beyoncé à adversária

» RODRIGO CRAVEIRO

Apenas 10 dias das eleições, a candidata democrata Kamala Harris e o adversário republicano Donald Trump escolheram o mesmo estado em um esforço para pender a balança das pesquisas a seu favor. Virtualmente empatados nas recentes sondagens, ambos concentram a energia nos chamados estados-pêndulo — aqueles que podem se inclinar para um partido ou para o outro.

“Temos muito trabalho a fazer”, declarou Kamala Harris, logo depois de ser apresentada por Michelle no palco do Event Center, em Kalamazoo, no estado de Michigan. Em um momento, a candidata brincou com uma simpatizante, ao apontar diretamente para a eleitora. “Eu sei que você disse ‘Kalamazoo’, eu ouvi”, disse, sem conter a gargalhada. Depois, a democrata lembrou que atuou como senadora, como procuradora-geral da Califórnia e promotora. “Em todos esses cargos, lidei com criminosos de todos os tipos: predadores sexuais, fraudadores e reincidentes. Eu os venci. Bem, Michigan, em 10 dias, será a vez de Donald Trump.”

Kamala advertiu que Trump aumentará a inflação e lançará os Estados Unidos em uma recessão, na metade de 2025, caso eleito. Em Kalamazoo, a tática da democrata foi traçar um contraste visível entre as visões democrata e republicana para a economia.

Michelle Obama iniciou o seu discurso às 16h35 (17h35 em Brasília) com um apelo aos eleitores de Michigan: “Estou aqui porque sei que, se quisermos que este país vire a página da política do ódio e da divisão, temos que fazer algo”. “Se quisermos conduzir a próxima geração de líderes norte-americanos, precisamos fazer algo”, declarou Michelle. “Se quisermos

Brandon Bell/Getty Images/AFP



Kamala Harris (E) e Michelle Obama (D) chegam ao comício em Kalamazoo, Michigan

Drew Angerer/AFP



Trump dança ao fim de seu discurso em Novi, também em Michigan: aposta nos indecisos

Eu acho...

“Trump se sai bem nas pesquisas porque muitos americanos abraçaram sua posição sobre democracia, racismo, misoginia e radicalismo. Neste momento da corrida eleitoral, não está claro o que pode ser feito para persuadir os eleitores. Tudo dependerá de qual lado mobiliza seus simpatizantes de modo mais eficiente.”

Vincent L. Hutchings, professor de ciência política da Universidade de Michigan



Arquivo pessoal

eleger alguém que esteja à altura do Salão Oval da Casa Branca, alguém com força para guiar

o país para um rumo melhor, temos que eleger a minha querida amiga Kamala Harris.”

“Pessoa adulta”

A ex-primeira-dama enfatizou que Kamala mostra o que deve ser “um líder estável e são”. “Ela faz tudo com vigor e graça. Isso porque Kamala é uma pessoa adulta. Qualquer um sabe que precisamos de um adulto na Casa Branca”, acrescentou, arrancando risadas do público.

Moradora de Kalamazoo, a diretora artística Julie Fernández, 45 anos, esteve no comício de Kamala. “Ela mostrou suas propostas de forma bem clara. O clima lá foi incrível. O sentimento que tenho é de esperança. O comício me lembrou o de Barack Obama, durante a campanha”, contou à reportagem.

Trump discursou na cidade de Novi, também no estado de Michigan, a duas horas de carro de Kalamazoo. À noite, fez comício na cidade de State College, na Pensilvânia, outro estado-pêndulo. Na noite de hoje, o republicano reunirá seus simpatizantes no famoso Madison Square Garden, no coração de Nova York, cidade de maioria democrata. Em Novi, ele ironizou a presença da cantora Beyoncé em comício de Kamala, na sexta-feira. “Então, Beyoncé subiu, falou por alguns minutos e depois saiu e o lugar ficou louco”, disse. “Eles pensaram que ela iria se apresentar. Agora, eu não teria interesse nisso.”

Vincent L. Hutchings, cientista política da Universidade de

Michigan, afirmou ao **Correio** que a participação de Michelle Obama no comício de Kamala deve surtir efeito prático. “Michelle continua popular entre os eleitores democratas, especialmente os negros”, ressaltou. Ao ser questionado sobre as táticas de Kamala e Trump para ganhar eleitores na reta final da campanha, Hutchings respondeu que quase todos os americanos que pretendem votar, e ainda não o fizeram, sabem quem escolherão. “A meta das duas campanhas é fazer com que os eleitores saiam para votar, ao invés de tentar converter os indecisos. Isso porque essa fatia do eleitorado provavelmente não votará em 5 de novembro”, avaliou.

GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Irã acena com resposta à retaliação de Israel

Depois de Israel concluir a chamada “Operação Dias de Arrepentimento” e atacar o Irã, o Oriente Médio aguarda, com suspense, uma possível contra-ofensiva. A mídia saudita informou que os caças israelenses bombardearam uma usina iraniana de combustível sólido crucial para as indústrias de mísseis balísticos em Kheibar e em Qasem. O ataque destruiu por completo a instalação, deixou prejuízo de US\$ 40 milhões e interrompeu a produção pelos próximos dois anos. Um balanço do Exército iraniano indica que quatro militares foram mortos na retaliação israelense, a qual teria danificado “sistemas de radar”.

Fontes israelenses também relataram que também foram atingidas quatro baterias de defesa antiaérea S-300, estratégicas para proteger instalações nucleares e de energia. Outro alvo foi uma fábrica de drones. Em nota, o Ministério das Relações Exteriores do Irã declarou que o regime teocrático islâmico “se considera no direito e na obrigação de se defender”, ao denunciar uma “clara violação do direito internacional”. “A República Islâmica do Irã enfatiza o uso de todas as capacidades materiais e espirituais da nação iraniana para defender sua própria segurança e seus interesses vitais, bem como cumprir com seus deveres em relação à paz e à segurança regionais”, acrescentou a chancelaria. A

Atta Kenare/AFP



Moradores caminham por rua da capital Teerã depois de uma madrugada de bombardeios israelenses

Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) confirmou que os bombardeios israelenses contra alvos militares “não alcançaram” as instalações nucleares iranianas. “Apelo à prudência e à moderação em relação às ações que possam colocar em perigo a segurança dos materiais nucleares e de outros materiais radioativos”, declarou o diretor-geral da agência, Rafael Grossi.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, afirmou esperar que este seja “o fim”, em uma alusão a uma possível resposta iraniana. Por sua vez, o gabinete do primeiro-ministro de Israel,

Benjamin Netanyahu, descartou que a ofensiva tenha sofrido qualquer influência dos EUA.

Morador da região leste de Teerã, o cineasta Hesam Eslami, 46 anos, despertou às 4h de ontem (22h de sexta-feira em Brasília) com o som do sistema de defesa antiaéreo iraniano. “Não ouvi as explosões, que foram percebidas mais no oeste da capital. Mas, permaneci acordado por uma hora e procurei ler as notícias, em sites iranianos e na BBC. Às 5h, o Exército israelense comunicou que o ataque tinha sido concluído e, então, voltei para a cama”, relatou ao **Correio**. Pela manhã,

Eslami se desparou com vários memes e piadas sobre a retaliação israelense nas redes sociais. “A cidade estava completamente normal. Busquei meu filho no jardim de infância e percebi que muitos pais tinham preferido deixar suas crianças em casa. Os jornais iranianos enaltecem o poder do sistema de defesa antiaérea.”

Neutralização

Especialista em Oriente Médio pela Universidade de Harvard, o cientista político Majid Rafizadeh explicou ao **Correio** que a retaliação israelense restrita a

Arquivo pessoal



Hesam Eslami, cineasta, morador de Teerã: “Escutei as rajadas da defesa antiaérea”

instalações militares se encaixa na política de longa duração de neutralização das ameaças vindas do Irã e de seus aliados regionais. “Israel visa reduzir a influência do Irã na Síria e no Líbano, particularmente por meio do movimento xiita libanês Hezbollah e de outras milícias. Os ataques podem aumentar as tensões no Oriente Médio, ao refletirem a intenção de Israel de dissuadir as operações iranianas e sua vontade de responder preventivamente.”

Para Rafizadeh, o risco de o Oriente Médio ser arrastado para uma guerra de larga escala aumentou de forma significativa.

“Esse perigo se deve, em grande parte, às profundas rivalidades existentes entre as potências regionais que estão em jogo. O apoio militar ao Hezbollah e a milícias na Síria posiciona o Irã contra Israel e seus aliados ocidentais, especialmente os Estados Unidos”, avaliou. O professor de Harvard acrescentou que qualquer escalada de um dos lados pode desencadear um conflito mais amplo e atrair atores regionais, como a Arábia Saudita e países do Golfo Pérsico, que se opõem às ambições regionais de Teerã. “Dada a complexa rede de alianças e inimizades, um conflito local poderá rapidamente evoluir para um confronto muito maior, com repercussões humanitárias e geopolíticas devastadoras”, advertiu.

Gunther Rudzitz, professor de relações internacionais da ESPM, crê que a resposta de Israel possa inviabilizar uma justificativa maior do Irã para uma retaliação ao ataque da madrugada de ontem. “Isso se deve não apenas por pressão dos EUA, mas muito mais da China. Com uma economia ruim para os padrões chineses, em nada interessaria a Pequim ter uma escalada dos preços do petróleo. Por isso, não deve haver uma escalada da guerra regional”, disse à reportagem. Ele não descarta uma ação bélica iraniana de menor proporção, talvez mais focada em interesses israelenses no Oriente Médio. (RC)